

# O quarto número doze

NAGIB MAHFUZ \*

Tradução de:

MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE \*\*

SAFA A. A. C. JUBRAM \*\*\*

O gerente do hotel recorda-se singularmente do dia em que aquela mulher veio alugar um quarto pelo período de vinte e quatro horas. Eram então por volta de dez da manhã, e ele contemplou-a com um olhar especial, pois era raro que aparecessem por ali mulheres desacompanhadas.

Ele igualmente se lembra muito bem –pois mesmo isso fora singular– que a mulher lhe causou forte impressão, em virtude de sua estrutura robusta e da elegância do porte. Pôde ainda notar-lhe o olhar penetrante enquanto ela o aguardava, em pé, diante da mesa, de casaco vermelho e gorro branco. Estava sem carteira de identidade; não trabalhava nem era casada; seria certamente divorciada ou viúva. Seu nome era Bahija Zahabi, proveniente da cidade de Mansura.

O homem registrou os dados, entregando-a depois aos cuidados de um camareiro, que se encarregou da mala – mala inusualmente enorme – e a conduziu ao quarto número doze daquele pequeno hotel.

Passada meia hora, o camareiro ressurgiu com a fisionomia perplexa. O gerente perguntou-lhe o que ocorrera, e ele respondeu que a mulher era excêntrica. "O que você quer dizer com isso?", insistiu o gerente. O camareiro revelou então que ela lhe exigira que colocasse o colchão e as cobertas num canto do quarto até que anoitcesse. Também ordenou que a própria cama fosse retirada, justificando-se pelo fato de não poder dormir enquanto houvesse debaixo dela um espaço suficiente para uma pessoa esconder-se. Embora ele lhe tivesse explicado que esses temores eram infundados, e que desde a sua fundação o hotel jamais fora palco de qualquer incidente, ela insistiu no pedido e ele viu-se obrigado a atendê-la.

"Você deveria ter-me consultado antes", repreendeu-o o gerente, mas o camareiro desculpou-se alegando que a exigência, apesar de estranha, não era contrária aos regulamentos do hotel. Continuou então o relato: ela lhe ordenou que deixasse abertas as portas do guarda-roupa; compreendendo imediatamente o motivo, ele assentiu com um leve sorriso: ela com certeza temia que algum estranho ali se alojasse.

"O mais estranho é que ela parece ser uma pessoa bastante determinada", considerou. "Ela lhe

A

deu alguma gorjeta?", quis saber enfim o gerente. "Meio guiné, nem um tostão à mais". "É evidente que se trata de uma pessoa incomum, mas isso não tem importância".

"E quando eu passei pela porta fechada do quarto dela à fim de ir ao banheiro, ouvi uma voz elevada e aguda", prosseguiu o camareiro. "Mas ela não está sozinha?", perguntou o gerente. "Pois eu digo que a ouvi falando alto, e sua voz se elevava cada vez mais". "Muitos agem desse modo; nem sempre quem fala sozinho é necessariamente louco". Então o camareiro balançou a cabeça e calou-se. "Você conseguiu ouvir algo do que ela dizia?", quis saber o gerente. "Nada, a não ser uma única expressão: 'não importa'".

O gerente fez então um gesto brusco, demonstrando sua disposição de encerrar o assunto. "Redobre a atenção, o que aliás é seu dever, sempre", advertiu.

**T**rovejou. Através da janela de vidro, o gerente viu o céu repleto de nuvens. A temperatura estava baixa, e a chuva começaria a qualquer instante. Exatamente à uma hora da tarde o quarto doze interfonou: "é possível pedir o almoço?". "O hotel não dispõe de serviços de cozinha, mas há um restaurante nesta rua. Em que posso servi-la?". "Quero torta, arroz à grega, um quilo de assado de carneiro, saladas sortidas, torradas, uma baguete, pão árabe e duas laranjas". O gerente ordenou que lhe providenciassem o pedido, muito embora estranhasse a quantidade de comida, especialmente a de carne, que seria suficiente para seis pessoas.

Supôs então que ela talvez sofresse de algum tipo de claustrofobia causadora de paranóia e gula. "É possível que ela vá dar um passeio à noite, e então poderei dar uma espiada no quarto", pensou.

Chegaram os alimentos, e depois de uma hora o funcionário do restaurante voltou a fim de recolher a louça. O gerente não pôde resistir à tentação de lançar uma olhadela aos pratos: estavam completamente vazios, com exceção dos ossos e de uns restos de tempero. Decidiu então ignorar aquilo tudo, mas a mulher —sua imagem e suas excentricidades— perseguia-o insistentemente. Ainda que não se pudesse dizer que fosse bonita, ela exercia uma espécie de fascínio que ao mesmo tempo atemorizava e seduzia. Conquanto a tivesse visto pela primeira vez naquele dia, ela deixara certa impressão de familiaridade que somente as feições solidamente arraigadas na memória, há muito tempo, poderiam deixar.

Viu então um casal vindo em sua direção. "A senhora Bahija Zahabi está aqui?", perguntou o homem. Respondeu afirmativamente, e interfonou solicitando autorização para os dois subirem ao quarto. Era evidente que aquelas pessoas pertenciam à elite, pelo menos do ponto de vista financeiro. O vento penetrou com força, fazendo dançarem os lampiões pendurados no minúsculo saguão de espera.

Logo chegaram mais oito pessoas —quatro casais— que repetiram a pergunta: "a senhora Bahija Zahabi está aqui?". Realizados os contatos e concedida a autorização, eles subiram com alguma solenidade —pois eram do mesmo nível dos visitantes precedentes— ao quarto doze. Os visitantes já eram dez. Fossem membros de uma só família ou apenas amigos, não restava dúvida de que Bahija era uma senhora incomum. "Por que teria escolhido o nosso pacato hotelzinho?", perguntava-se.

Começou então um movimento febril na copa; subiram muitas xícaras de chá. O gerente inquietou-se por um momento com alguns rostos do último grupo, que ele acreditava já ter visto. No entanto, disse de si para si que o melhor a fazer seria tirar dona Bahija e seus problemas do pensamento; amanhã, ela seria apenas mais uma lembrança entre centenas de outras que povoavam o lugar.

Notou então diante dele uma senhora com cerca de cinquenta anos, bastante circunspecta e cerimoniosa. "A senhora Bahija Zahabi está aqui?". Quando ele respondeu que sim, ela disse: "avise-a que a doutora chegou". Ele interfonou para a mulher, que concedeu autorização para a subida. Não pôde, contudo, reprimir mais a curiosidade: "qual é a especialidade da senhora?", perguntou à doutora. "Médica ginecologista", foi a resposta.

Percebeu que ela se apresentara enquanto profissional, e não fornecera sequer o nome. Seria nessa

qualidade que ela estaria visitando a mulher? Teria ela alguma doença feminina? Estaria grávida?

Não conseguiu, porém, prosseguir as divagações: chegou um sujeito atarracado e baixo, de aparência carregada, que se apresentou como o empreiteiro Yussef Qabil. "Dona Bahija Zahabi está aqui?", foi a pergunta, que a estas alturas já estava se tornando invariável. Após o contato, obteve autorização para subir, recebendo do gerente, como despedida, um sorriso irônico e perplexo.

Um dos camareiros retornou do passeio tiritando de frio dentro de seu roupão grosseiro. Contou que a escuridão se avolumava nos rebordos do céu, e que o dia viraria noite dali a pouco. O gerente tentou apreciar o panorama através da janela de vidro, mas a mulher do quarto doze não lhe saía da cabeça, a misteriosa mulher que atraía tantos visitantes. Imaginou que um espírito maligno, provocador de curiosidades e inquietações, havia chegado com ela e se infiltrado por todos os cantos do hotel. Ele quase podia sentir esse espírito apoderando-se de seu ser, despertando-lhe os desejos da adolescência e os baixos apetites mundanos.

"Dona Bahija Zahabi está aqui?", foi a pergunta que interrompeu seus devaneios. Viu um homem corpulento que parecia pavonear-se dentro do casaco e do cafetã, o tarbuche jogado para trás, na mão um guarda-chuva cinza. "Informe-lhe que o senhor Al-'Ama Al-Hanuti, o cozeiro, já está aqui", apresentou-se.

O peito e todos os membros do gerente contraíram-se, e ele amaldiçoou o homem e a mulher. Cumprido com sua obrigação, todavia; interfonou e pela primeira vez obteve uma resposta diferente. "O senhor pode aguardar no saguão", informou ao homem.

"O que ele veio fazer aqui? Por que não lhe ordenam para esperar lá fora? O hotel funciona há cerca de meio século, e nunca ocorreu algo como hoje. E o mais desagradável é que uma tempestade despenque e obrigue o hotel a hospedar essas pessoas —inclusive esse sujeito com cara de morte!— por um período indeterminado".

E chegaram novos visitantes, separados mas numa espécie de seqüência. O dono de uma exposição de móveis, um verdureiro, um açougueiro, o dono de uma loja de perfumes e cosméticos, um alto funcionário do Departamento de Tributação, o chefe de uma instituição, um conhecido jornalista, um atacadista de peixes, um corretor de imóveis mobiliados, um procurador, uma personalidade árabe milionária. O gerente acreditou que a mulher transferiria a reunião para o saguão, mas ela autorizou-os a subirem e eles subiram um depois do outro. Carregaram-se novas cadeiras e os camareiros serviram mais chá. O gerente indagou-se sobre como os visitantes iriam sentar-se. Será que os ligava algum relacionamento anterior? O que, mais exatamente, os teria reunido? Chamou o camareiro chefe e inquiriu-o a respeito. "Não pude ver nada dentro do quarto: as mãos recolhem as cadeiras e o chá pela porta mal entreaberta, e depois a fecham imediatamente", respondeu. Então o gerente deu de ombros, admitindo que enquanto não houvesse reclamações aquilo não seria da conta dele.

"Peço-lhe que lembre a Dona Bahija Zahabi que estou aguardando", disse o cozeiro Al-'Ama Al-Hanuti. "Ela já se comprometeu a chamá-lo na ocasião adequada", replicou secamente o gerente. Mas, como o homem não se movesse do lugar, interfonou para a mulher a fim de livrar-se dele. Em seguida, aparentemente cumprindo um desejo dela, estendeu-lhe o aparelho. "Madame Bahija, a tarde começou e os dias no inverno são curtos", resmungou, mas, após ouvir atentamente o que ela lhe respondeu, pôs o aparelho no lugar e retornou contrariado ao saguão. O gerente o amaldiçoava com todas as forças de seu ser: olhando com ódio para a porta do saguão, responsabilizava a mulher pela vinda daquele sujeito ao hotel.

**A**lguns hóspedes então desceram, e, antes de saírem, reclamaram do quarto doze, que estava atrapalhando-lhes o repouso. "É que há nele alguns visitantes. Mais cedo ou mais tarde eles irão embora, e à noite não restará nenhum", desculpou-se o gerente. O fato de suas responsabilidades o levarem a um eventual confronto com aquelas pessoas provocou-lhe temor, uma vez que se tratava de gente visivelmente poderosa.

O sibilar do vento lá fora e o clima cavernoso só faziam aumentar sua angústia. No meio disso tudo, surgiu na entrada um grupo de homens e mulheres, que se aproximaram com seus casacos. "Procuram por Dona Bahija Zahabi?", antecipou-se, coração em disparada, o gerente. "Informe-a, por favor, que os representantes da Sociedade Revitalizadora da Tradição já chegaram", disse, rindo, um deles.

Após receber autorização para a subida dos novos visitantes, o gerente disse: "eles são dez, minha senhora, e aqui no primeiro andar temos à sua disposição o saguão, que comporta um número maior de pessoas". "Mas existe espaço no quarto!", foi a resposta. Então os visitantes subiram, enquanto o gerente balançava a cabeça contrafeito.

Mais cedo ou mais tarde ocorrerá um confronto. A ira dos céus explodirá lá fora, e aquele conglomerado extraordinário no quarto doze desencadeará algo desagradável. Olhou para o saguão e viu o senhor A'ima se arrastando em sua direção. Tamborilou o dedo nervosamente sobre a mesa e contactou a mulher antes que o outro ao menos abrisse a boca. Ouviu sua reclamação e a seguir sua anuência, deixando afinal que ele mesmo devolvesse o aparelho ao gancho.

"É aborrecido esperar sem fazer nada", resmungou ainda o homem ao retornar. Essa frase revoltou o gerente, que lhe teria chamado a atenção, não fosse a mulher interrompê-lo a fim de pedir uma ligação para o restaurante; a conversa durou alguns minutos. "Será que eles ficarão para o jantar? Onde tomarão a refeição?", pensou. Como ele gostaria de examinar aquele quarto agora! Seria um cenário surreal, uma loucura, sem dúvida.

E o tufão estava longe de amainar-se: logo chegou um bando de teólogos e professores universitários: a discussão tornava-se mais complexa. Deixou-os subirem. Tudo aquilo estava lhe parecendo uma piada grotesca. Chegou um homem estranho que subiu sem passar por ele ou responder a seu chamado. Um camareiro foi-lhe no encalço, mas desistiu ao vê-lo entrar no quarto doze. O gerente pressentiu que estava sozinho, perdendo o controle administrativo sobre aquele espaço, e que o demônio dos desejos bestiais batia violentamente à sua porta.

Tencionou consultar o chefe dos camareiros, mas a chegada de um certo homem devolveu-lhe um pouco de segurança. "O senhor chegou na hora certa, inspetor", cumprimentou. "Deixe-me consultar os registros", respondeu calmamente o inspetor. "Coisas estranhas estão ocorrendo aqui", volveu o gerente. O homem começou a examinar os nomes com atenção, enquanto fazia algumas anotações. "Imagino que o senhor tenha vindo por causa do quarto doze", disse o gerente. "Hein?". "Há aberrações acontecendo por aqui", insistiu o gerente. "Tudo o que ocorre dentro dos limites da normalidade é normal!", respondeu o inspetor, que avisou ainda ao deixá-lo: "se alguém me telefonar, estou no quarto doze".

Ainda que espantado, o gerente tranquilizou-se um pouco, pois tudo o que então ocorresse seria sob as vistas da autoridade. Lembrou-se de consultar o chefe dos camareiros, e quando estava prestes a tocar a sineta avistou o senhor A'ima rastejando em sua direção. Perdeu o controle e gritou: "ela já lhe disse que esperasse até ser chamado!". "Mas isto já está demorando demais", lamentou o homem, com um sorriso servil típico de quem está habituado a humilhar-se. "Aguarde sem reclamar, e lembre-se de que você está num hotel e não no cemitério".

Assim que ele, conformado, retornou, o gerente lembrou-se novamente de chamar o chefe dos camareiros. "Como vão as coisas no quarto doze?", perguntou. "Não sei ao certo, meu senhor. Só sei que há algazarra". "Como estão todos lá dentro, se o quarto não os caberia nem se sentassem uns sobre os outros?", insistiu o gerente. "Sei tanto quanto o senhor. De qualquer forma, o inspetor também está lá dentro", respondeu, retirando-se em seguida.

O gerente via através da janela a noite engolfando o céu. Acenderam-se as luzes, cujos raios se dispersaram no ambiente carregado de espessa umidade e ventos ululantes. Chegou um pelotão de empregados do restaurante com travessas cheias de alimento, numa cena que ampliou seu espanto. Pensou que no quarto doze não havia senão uma única mesa. Onde seriam colocados os pratos e

tomada a refeição? Um camareiro veio informar-lhe que a porta do quarto não se abria mais: os pratos estavam sendo passados pela portinhola. Gargalhadas estridentes espalhavam-se pelo andar inteiro. Todo aquele cenário tornara-se inacreditável.

O mesmo camareiro retornou depois de meia hora a fim de advertir que aquela gente estava se embriagando. "Mas não vi passar qualquer garrafa", ponderou o gerente. "Talvez eles tenham entrado com elas nos bolsos, pois estão cantando, gritando e batendo palmas. Isso só pode ser a embriaguez provocando baderna e safadeza, já que as mulheres estão no mesmo número que os homens". "E o inspetor?", quis saber o gerente. "Ouvi-o cantando 'a vida é um cigarro e um copo'", respondeu.

**T**rovejou lá fora. "É possível que eu esteja sonhando ou enlouquecendo", imaginou o gerente. Chegou então um grupo de pessoas de extração popular, condição essa que era atestada pelas vestimentas. "A senhora Bahija Zahabi está hospedada aqui?", perguntou um deles. O gerente sorriu desconcertado e contactou a mulher; ela lhe pediu que lhes servisse refrigerantes enquanto aguardavam no saguão; este se encheu, aumentando o desassossego do senhor A'ma, que ainda se encontrava lá.

"Este hotel não é mais hotel, eu não sou mais gerente e este dia não faz parte do tempo. Que se celebre a loucura enquanto houver carne e vinho", murmurou, sorrindo miseravelmente.

A chuva começou a cair. O céu ribombou. O asfalto diante do hotel brilhou por causa da iluminação e da chuva. O ruído das pessoas correndo intensificou-se. A gritaria dos moleques na rua aumentou. Transeuntes refugiaram-se na entrada do hotel. Pancadas violentas repetiram-se sobre o vidro da janela. O gerente abandonou seu posto e dirigiu-se à entrada do hotel. Olhou para o céu escuro, para o chão, e viu a chuva torrencial despencar sobre o solo como se fora pedregulho, empurrando tudo ladeira abaixo. Saturou-se, inflamou-se e por fim explodiu.

"Há mais de uma geração que não cai uma chuva igual". Lembrou-se então de uma tempestade parecida, gravada em sua memória desde a juventude. Recordou como os meios de transporte paralisaram-se, as bocas-de-lobo entupiram-se e os casebres soçobraram sob os tetos arruinados. Volveu a seu posto, atento aos documentos e ao cofre. Redobrou as ordens para o aumento da vigilância nos quartos e no telhado. "Quais são as últimas do quarto doze?", perguntou ao chefe dos camareiros, que fez uma careta e disse: "continuam as cantorias e gargalhadas. São uns loucos".

Avistou na entrada o senhor A'ma e berrou a plenos pulmões: "volte já ao seu lugar!". O homem procurou então gesticular, mas ele o interrompeu: "nenhum pio!".

Os trovões pareciam bombas explodindo; a chuva caía com rapidez e violência alucinantes. Pensou então que o hotel, antigo, não fora construído com cimento armado, e que a noite prenunciava problemas.

"Aumentaram as reclamações no quarto doze por causa da umidade e das infiltrações pelo teto", alertou um camareiro. "Por acaso cessaram as cantorias e as gargalhadas? Que abandonem o quarto, portanto", disse o gerente, com ódio. "Mas eles não conseguem mais sair do quarto". Dispensou-o e chamou o chefe dos camareiros. Perguntou-lhe o que o homem quisera dizer com aquilo. "Todos os quartos estão com infiltração. Convocarei os camareiros para tapar os buracos do telhado com areia". "E o quarto doze?", readirgiu o gerente. "Estão entupidos, enjoados, de barriga abarrotada, inchados. Impossível abrir a porta. Impossível qualquer movimento".

A fúria da natureza dominara o espaço lá fora. Dentro, porém, uma movimentação animada e operosa ocorria: os camareiros partiam com seus sacos de areia. E aconteceu algo inesperado: os populares que aguardavam no saguão ofereceram-se para ajudar na tarefa, fato que agradou ao gerente, principalmente porque o maldito senhor A'ma não moveu sequer um dedo.

Decorrida meia hora, o chefe dos camareiros voltou para relatar-lhe o andamento dos trabalhos. "Estão fazendo o máximo esforço", assegurou, continuando após alguma hesitação: "quanto aos nossos amigos do quarto doze, sua situação vai de mal a pior". O gerente irritou-se, e então a cólera

explodiu subitamente após a violenta tensão represada durante o dia, apressando-se de seus nervos, carne e sangue. Enlouqueceu, e parecia querer ficar mais louco ainda. "Preste muita atenção ao que vou dizer", grunhiu. "Esqueçam o quarto doze e todos os que nele estão". "Mas senhor, os homens estão gritando e as mulheres, chorando!", gaguejou, em pânico, o camareiro. "Concentrem todos os esforços no telhado sobre os outros quartos e esqueçam o quarto doze e todos os que nele estão", berrou o gerente, como um celerado.

O camareiro hesitou por um segundo, o suficiente para deixar o gerente ainda mais feroz: "execute minhas ordens literalmente e sem sombra de hesitação".

O gerente virou-se para a janela. Contemplou a situação externa. Viu o furacão se agitando no coração das trevas; sua violência aumentava mais e mais. Quanto a ele, sentiu-se como que aliviado de um grande peso, e recobrou então a auto-confiança e a clareza de raciocínio. **M**

\* Nagib Mahfuz 'Abdul-'Aziz As-Sibilgi, romancista e contista egípcio contemporâneo, nasceu no Cairo em 1912. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1988. O presente conto (no original árabe, "Al-Ghurfa raqm ithna 'ashara") foi extraído da coletânea *Al-Jarima* ("O crime"), publicada em 1973.

\*\* Mestrando em Literatura Brasileira na USP e professor de Língua e Literatura Árabe na mesma Universidade.

\*\*\* Mestranda em Semiótica e Linguística Geral na USP e professora de Língua e Literatura Árabe na mesma Universidade.